

NO JOGO, O JOGO DO MOSTRAR-SE: TENSIONAMENTOS AO CONCEITO DE TÁTICA

Gabriel Orenge Sandoval – Doutorando em Educação Física e Sociedade na Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Email: g216386@dac.unicamp.br

Alcides José Scaglia - Docente da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Email: scaglia@unicamp.br

No esporte, o conceito de tática patrocina toda ação que é realizada em jogo. Sendo considerada como gestão intelectual do espaço de jogo, a tática é o conceito que norteia as construções pedagógicas da Pedagogia do Esporte, assim como a avaliação da Análise de Desempenho. Porém, a fim de questionarmos, epistemologicamente, as bases desse conceito, urge a necessidade de aproximação ao campo da Filosofia do Esporte. Dessa forma, nesse resumo inclinamo-nos a compreender a forma com que a filosofia de Martin Heidegger tratou do jogo e, como consequência, os contrapontos que isso gera ao conceito de tática. Em Introdução à filosofia (conferência de 1928), Heidegger buscou questionar os conceitos de ciência, filosofia a visão de mundo. Nessa linha, busca refutar a visão kantiana de mundo em prol de uma concepção fenomenológica. Desde Ser Tempo, Heidegger busca esclarecer a forma com que concebe o mundo: em seu aparecer. Segundo ele, não há possibilidade de nos separarmos do mundo, uma vez que desde que nascemos já estamos imersos nele. Dessa forma, o mundo não está fechado em sua objetividade, mas na maneira com que aparece para cada um em decorrência de sua historicidade. Para ele, nesse sentido, o conceito de verdade não se refere aos conceitos pré-determinados, mas condicionado ao ser do ente, ou seja, a maneira com que, ontologicamente, esse objeto se mostra. Para sacramentar essa virada epistemológica lança mão do conceito de jogo, afirmando que quando concebemos a existência em um pano de fundo de jogo podemos entender que o ser humano não vive fechado em sua consciência, mas em perpétuo diálogo com o mundo, com sua transcendência em direção aos entes. Assim, o jogo não é uma opção, mas uma condição que possibilita nosso comportamento. A forma com que compreendemos o mundo se relaciona com o jogo da existência. Diante disso, o jogo que Heidegger passa a se referir é a transcendência do ser em direção ao ente. Para exemplificar esse fenômeno, Dulce Mara Critelli retrata uma ameixeira. Uma mulher cansada a vê como ponto de descanso, o madeiroiro, como material de trabalho e uma doceira, como fonte de doces. Ou seja, o desvelar do ente se dá no jogo da existência de cada um(a). Dessa maneira, preocupada em ocupar e gerenciar o espaço do campo e balizada por princípios ofensivos e defensivos, a tática, ou seja, a maneira com que se concebe a movimentação dos(as) jogadores(as), não considera o aparecer do ente para quem joga no degringolar no jogo. Para tal concretização, realiza-se uma avaliação pautada em uma racionalidade metafísica, ao passo que enquadra tais ações em categorias (princípios), dentro de uma realidade cognitivista – em descompasso à relação com o mundo, ao envolvimento que o jogo promove em quem se encontra nesse ambiente. Conceber as movimentações em relação ao jogo da existência seria não enquadrar os movimentos em princípios definidos metafisicamente, mas atrelar-se à formação de mundo dentro da situacionalidade de quem está envolvido em campo, elevando tal sensibilidade a um grau mais importante de relevância quando se joga.

Palavras chaves: Jogo; Tática; Mundo; Esporte; Pedagogia do Esporte